

EUTOMIA
Revista de Literatura e Linguística



ISSN 1982-6850

BEATRIZ BAJOⁱ

PRIMAVERA@LONDRINA

uma velha quebrava galhos
curvada como uma árvore imensa
tocada de amarelo pressentir
sob densas nuvens escarlates
enquanto pelas ruas nubladas folhas corriam
de pó e pólvora abaixo dos pés vermelhos
atados nas sandálias de flores
trabalhadas com couros e cores
de espantar levemente os segredos
milongas pelas saias amarrotadas de sol
e sal dos dias entardecidos não escolhidos
uma estátua encolhida branca e nua
no quintal dos ventos rosados
primavera@londrina
amor-botão em perfume
menina mineral beijando
lápiz-lazúli
com grãos nos seus olhos
vagalumes

LUX

um homem constrói sua mulher
pela beira de si, pilares
altares de singelezas
arquitetados de aleluias

por milênios dentro
dos momentos
acende colunas e
tonifica músculos
no peito aberto
para o sempre

inventa hélices
alianças
amalgamas

assim
eternamente
apalavrados
- no franco
caminho
de seus corpos -
despertam a linguagem
intraverbal
que os ultrapassa:

“nós
nos
vivemos”

tristante

tristante é uma fígada acesa
arranhando a abóbada silvestre
dos que não veem o céu

tristante é ante antes
do neon estúpido que embaça
o sal nos ferimentos

ah! triste intenso e vingador
partindo ao meio os substantivos
coisapalavrasemjeito

não há unguentos mas fardas
cingindo a cinzas as singelezas
dos que imploram aos perfumes

óleos essenciais lavandas
nos quintais insolúveis
alcoóis para forjar imagens

batons, sandálias e dalias
nas amenidades desconcertantes
para macular de vez ou triste

ali além

cílio de cristalizar
com a língua
o coro do dia

curinga

Qualquer lugar que se abre no sempre de todo dia

entre violares e violinos,
 em nome de uma gente atravessada pelo medo
 pela miséria pela bala perdida
 piedade é o timbre estridente entre a corda
 e o arco da canhota medida que pede
 a um sol poente
 opaco
 não refletido no olhar que se entreabria
 diante do vermelho vivo transbordando
 olhos vermelhos
 sala encarnada
 peitos escarlates
 esparramados esparramantes inflamaram
 manhã desajeitada pelo sangue diluído
 magma lágrima
 senhora, não ignore o que se cria na perfeição preterida
 desaprendida regência daquele abraço prometido
 tantas vezes tido
 dedilhado em papel machê que não envelhece
 tudo é cria entre acordes e acordares
 nascidos da mesma armadilha
 lambidas de gatilho
 leite oblíquo fugindo pelo ladrilho
 ensopado
 carretéis ao revés
 piedade entre bocas
 sob os pés
 mesmo idioma hasteado
 axioma que reverbera pelo blues
 sem máscara de agudeza estendida
 que se tange no ser e converte pela mão
 vem morado nas digitais consteladas de nação
 mergulho na brancura convicta
 que não deflora
 indecorosamente

migalhas apavoradas pelo pó de agoras

às vezes asas

e dentro de ti é um despedaçar de versos
uma parte afiada, cortando os fios do encanto do amanhecer

e dentro de mim....?

não existe a obliquidade engaiolada pelo mantra que tece os descomeços

ela é inteira um espalhar-se amarelado por fora das contas
brilhantes que se agarram num dos fios estremecidos

tropeçados por cada olhar

pranteado de súplicas aladas e améns

dentro de 15h há uma criança que grita

dentro de 15h há uma criança que grita, engatinha até a beira da minha saia e arranca-a com seus dentes de leite...

precipício de mordiscar anseios encarnados em cada novelo de linha de lã em cada fio de cabelo segredado

bebê atrevido de lamber meus seios e cuidar de eu derreter-me por ele permanecer íntegro e carente do que posso oferecer-lhe. Não faço outra coisa senão cuidá-lo para que não se machuque, não vá até a janela sozinho...tenho medo de imaginar suas quedas. seus ruídos e sussurros são inconfundíveis...ele comunica-se naquela língua dos anjos e sou toda trepidação quando o ouço. Ele olha-me com as bilhas do saber anterior...e sacode com os lábios um oráculo de cristal. Ele aperta minhas coxas querendo colo e eu cedo incessantemente. Acho que ele nasceu para morar no que eu sou, toda derramamento...quero alimentá-lo da minha umidade a fim de que ele viva de esquentar os vãos com seus dedos audazes e delicados.

E o bebê vem beijando-me com essa maciez, seguindo os passos do que vem chegando...
existe falta na imensidão

ⁱ **Beatriz Bajo** (São Paulo/SP, 1980). Poeta, revisora, tradutora, professora de língua portuguesa e literatura, especialista em Literatura Brasileira (UERJ) e aluna especial do mestrado em Letras (UEL). *a face do fogo* é seu livro de estreia, pelo selo [e] editorial (uma parceria da Annablume com a Demônio Negro). O segundo livro, *a palavra é*, foi lançado pelas editoras Atritoart e Kan, de Londrina. Traduziu o livro *Respiración del laberinto*, do poeta mexicano Mario Papasquiaro, pelo Coletivo Dulcinéia Catadora e trabalha atualmente com uma novela, também mexicana, pela editora LetraSelvagem. Participou do livro de entrevistas *Diálogos com a Literatura Brasileira - volume III*, organizado por Marco Vasques (Movimento, Porto Alegre/RS; Letradágua, Joinville/SC, 2010). Além do blogue <http://lindagraal.blogspot.com/>, divide com seu parceiro Marcelo Ariel a manutenção do Esquina Literária (<http://esquinaliteraria.blogspot.com/>). Morou por 17 anos no Rio de Janeiro (RJ) e vive há 5 em Londrina. (B.B.)